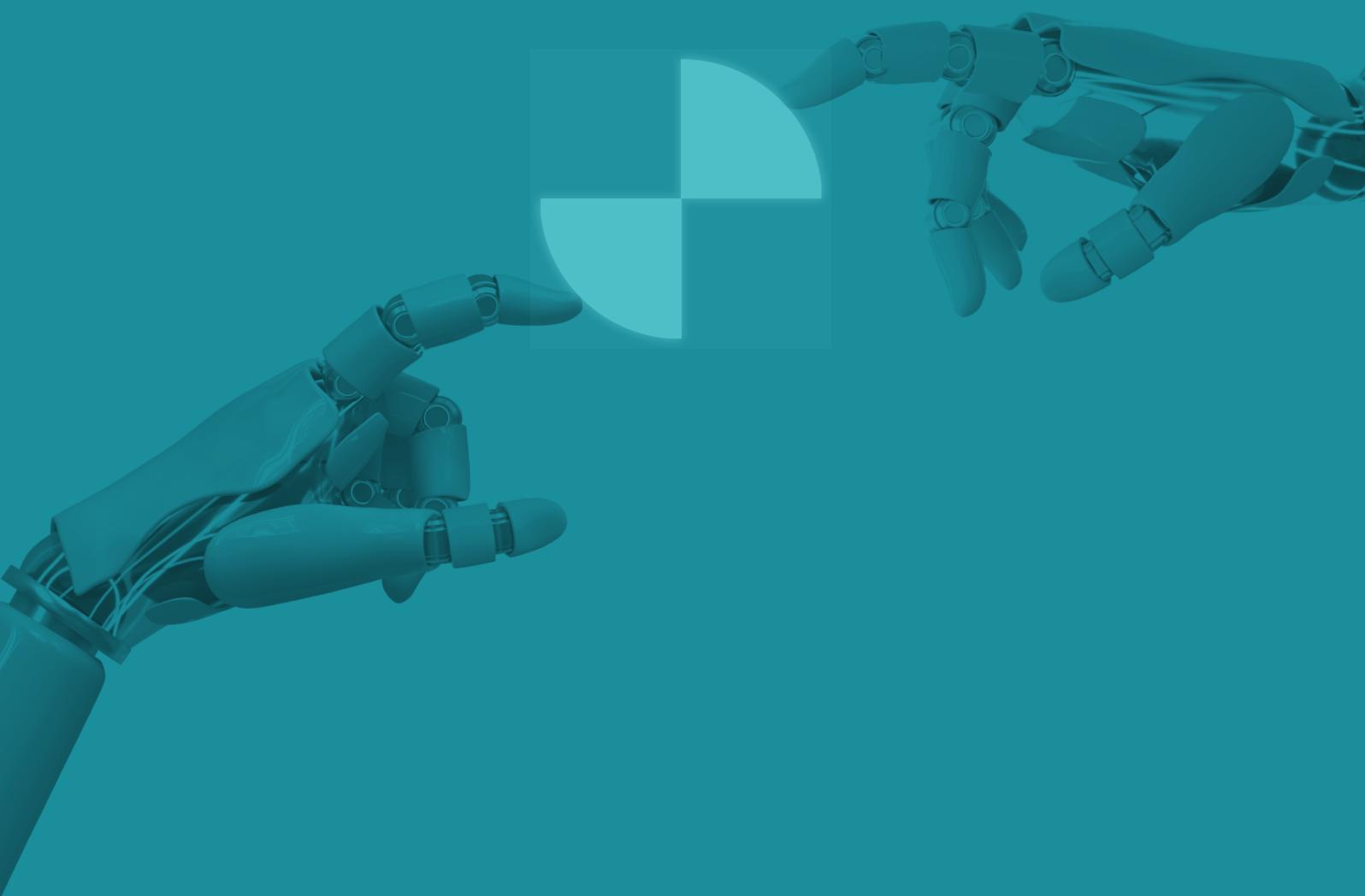


---

# ESTRATÉGIA IBEROAMERICANA DE INOVAÇÃO





## ÍNDICE

4	<b>1. ANTECEDENTES</b>
6	<b>2. CONTEXTO E MISSÃO</b>
10	<b>3. VISÃO</b>
16	<b>4. PRINCÍPIOS</b>
22	<b>5. METAS</b>
26	<b>6. EIXOS DE AÇÃO</b>
30	<b>7. PROCESSO</b>
38	<b>8. CONCLUSÕES</b>



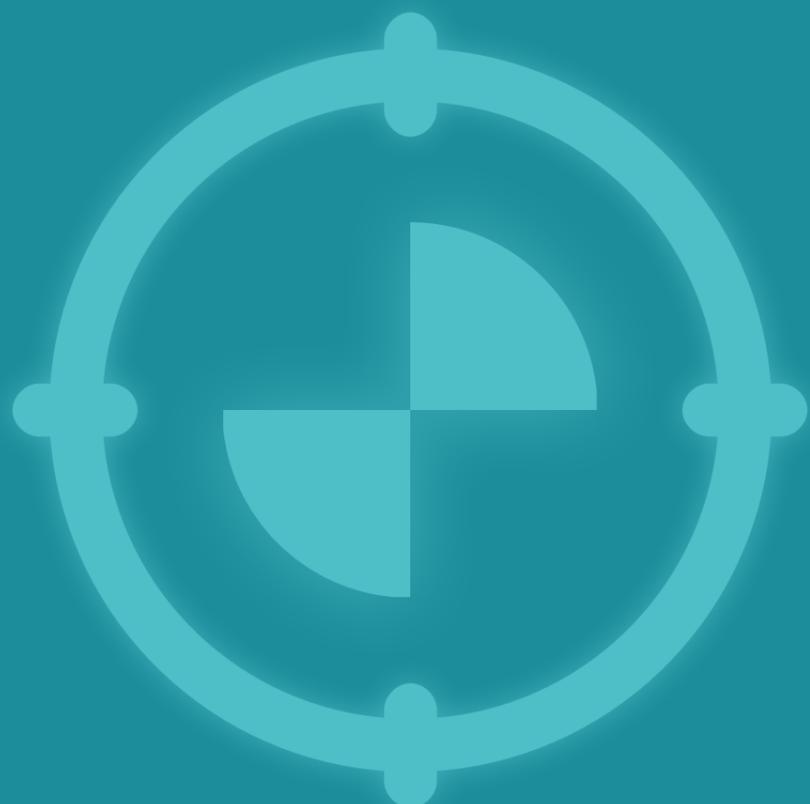
A XXVI Cimeira Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo teve lugar na cidade de La Antigua Guatemala (Guatemala) nos dias 15 e 16 de novembro de 2018, subordinada ao tema “Uma Ibero-América próspera, inclusiva e sustentável” e demonstrou uma clara orientação para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 das Nações Unidas. A Declaração aprovada pelos Chefes de Estado e de Governo nessa Cimeira estabelece no seu número 44, a proposta da III Reunião de Ministras, Ministros e Altas Autoridades de Ciência, Tecnologia e Inovação, com o seguinte acordo:

“Promover as ações necessárias para a formulação e posterior aprovação de uma Estratégia Ibero-Americana de Inovação, incumbindo a coordenação do processo à Secretaria-Geral Ibero-Americana (SEGIB), no contexto do Espaço Ibero-Americano do Conhecimento, para, a partir da ciência, tecnologia e inovação, contribuir para que a Ibero-América alcance as metas previstas na agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável.”

Posteriormente, no contexto da preparação da XXVII Cimeira Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo, a Secretaria Pro-Tempore, assegurada por Andorra, escolheu como tema “Inovação para o Desenvolvimento Sustentável. Objetivo 2030”, tendo simultaneamente elaborado um Documento Conceptual sobre ele que acentuou a importância da Estratégia Ibero-Americana de Inovação (EII) no quadro da sua Presidência da Conferência Ibero-Americana.

O citado Documento Conceptual adota como definição de inovação a de “qualquer mudança (não necessariamente tecnológica) baseada no conhecimento (não necessariamente científico) que cria valor (não só económico)”. Mas também concebe a inovação como um instrumento para a modificação de condutas e de abordagens na adaptação das pessoas e instituições à transformação das tecnologias e dos setores produtivos, às mudanças aceleradas das nossas sociedades e à necessária proteção do ambiente.

Para cumprir o mandato de formular a Estratégia que lhe foi confiado pelos Chefes de Estado e de Governo, o Espaço Ibero-Americano do Conhecimento promoveu diversas intervenções. Em primeiro lugar, organizou conjuntamente com o Governo de Andorra o Fórum Conhecimento, Inovação e Sustentabilidade, que se desenrolou em quatro sessões de debate. Os seus resultados contribuíram para a elaboração do Documento Conceptual a que antes nos referimos. Em segundo lugar, formulou uma proposta de roteiro para a elaboração da EII que foi colocada à consideração da Comissão de Acompanhamento da Reunião de Ministras, Ministros e Altas Autoridades de Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI) no encontro que teve lugar em Bogotá nos dias 19 e 20 de setembro de 2019. No quadro do roteiro acordado, foi constituído um Grupo Ibero-Americano de Peritos, que a partir de fevereiro de 2020 tem vindo a trabalhar em coordenação com a SEGIB e a Comissão de Acompanhamento da Ministerial de CTI. O presente documento é o resultado desse processo. Submete-se à apreciação da IV Reunião de Ministras, Ministros e Altas Autoridades de CTI para aprovação, com as modificações que eventualmente acordarem.



O ano de 2020 dá início à década que nos deve levar a cumprir os Objetivos e metas de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, adotada unanimemente pelas Nações Unidas. De forma inesperada, uma pandemia global irrompeu nas nossas vidas para nos recordar a fragilidade sistémica das nossas civilizações, por muito tecnológicas que sejam, e a complexidade das nossas interações com os materiais biológicos mais elementares.

▶ Atenuar os efeitos da pandemia da doença do coronavírus (COVID-19) está a exigir suspender muitas das atividades que considerávamos habituais e quase imprescindíveis na nossa maneira de viver. Por sua vez, a pandemia está a voltar a colocar no centro da agenda o valor do bem comum e da saúde humana, o papel da ação coletiva através dos Estados e da cidadania, a necessidade de uma intensa mobilização e coordenação de esforços para além das fronteiras e divisões, e o papel inestimável da ciência, tecnologia e informação.

Portanto, a crise que nos ameaça também constitui uma oportunidade para reconstruir melhor e dar o passo decisivo para o novo paradigma do desenvolvimento sustentável, sem descuidar as circunstâncias económico-sociais de cada país, já que acelerou a tomada de consciência global sobre a necessidade de implementar as reformas necessárias para assegurar a sustentabilidade económica, ambiental e social. A COVID-19 confirma-nos que não há outro caminho seguro senão o de um bem-estar humano equitativo no âmbito de uma biosfera saudável. A interdependência entre humanidade e biosfera não nos permite isolar uma da outra. E não se trata apenas de evitar com urgência as maiores ameaças existenciais que nos auto-infligimos: a mudança do clima, aceleração das desigualdades, perda da biodiversidade, esgotamento dos recursos não renováveis, práticas produtivas agrícolas pouco amigas do ambiente, e outras.

Os países ibero-americanos deverão dispor das ferramentas e mecanismos que lhes permitam avaliar todas as situações de forma coordenada e partilhar conhecimentos e experiências para minimizar os riscos e aumentar a resiliência dos seus territórios e sociedades. É necessário explorar as vantagens que a inovação e o conhecimento científico oferecem para criar novas tecnologias limpas e com baixas emissões de carbono e consolidar o seu uso, bem como sistemas de prevenção, monitorização e recuperação para dar resposta ao aumento da frequência e intensidade de eventos, tais como catástrofes naturais e crises sanitárias. Trata-se sobretudo de promover com determinação o desenvolvimento sustentável, num contexto mais carregado de incertezas mas por isso mesmo mais aberto a novas possibilidades.

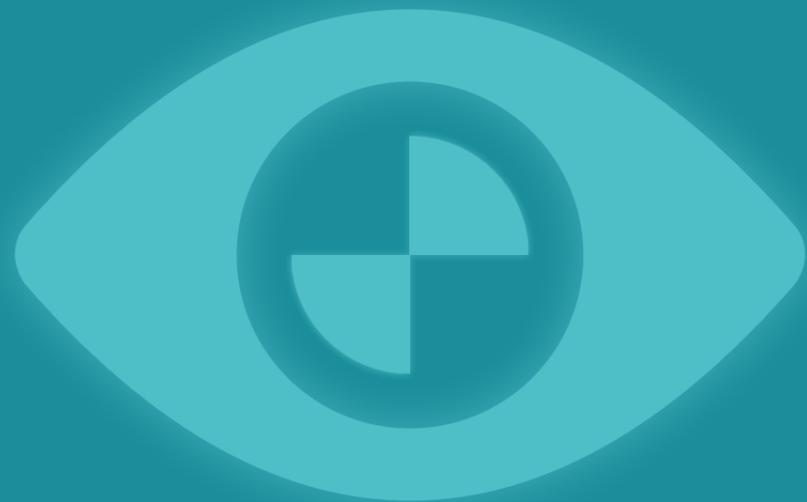
Neste contexto, a ciência, a tecnologia e a inovação desempenham sem dúvida um papel fundamental para construir futuros desejáveis para todos. No entanto, é necessário atualizar os significados, processos e finalidades da investigação e da inovação, para que as suas contribuições para o desenvolvimento sustentável sejam eficazes. Os desafios com que hoje nos debatemos são diferentes e alguns deles produto da utilização das nossas capacidades científicas e tecnológicas sem uma perspetiva sistémica, e com as consequentes e crescentes pegadas ecológicas, económicas e sociais. Já não só se trata de adaptar a sociedade às potencialidades dos novos inventos surgidos nos laboratórios e centros de investigação, mas de desenvolver ciência, tecnologia e inovação de forma responsável, respondendo aos valores, necessidades e expectativas das nossas sociedades.

O desenvolvimento sustentável não pode ser concebido nem tratado de maneira reducionista, como a melhor versão do modelo de desenvolvimento previamente existente, mas trata-se de um modelo bem diferente: segundo uma definição clássica, é o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras para satisfazer as suas<sup>3</sup>. Trata-se de um desafio ao mesmo tempo global e local, condicionado pelos contextos culturais, sociais e históricos e pelas aspirações de cada lugar e de cada nação, que simultaneamente faz parte de um puzzle global em que a interdependência é inquestionável. O grande desafio futuro que a humanidade no seu conjunto tem pela frente e que é hoje concretizado pela Agenda 2030, tão inovadora quanto ambiciosa e imprescindível, consiste em impulsionar o desenvolvimento assegurando a sustentabilidade, com uma ênfase urgente na preservação do ambiente e do bem-estar social.

Estamos perante um desafio inédito que pode constituir uma extraordinária oportunidade para a Ibero-América, abrindo a possibilidade de que se definam novos caminhos, se concebam com grande autonomia diretrizes próprias de desenvolvimento, tendo em conta as particularidades e o respeito pelo direito ao desenvolvimento de cada país, e se consolide a cooperação científico-técnica ibero-americana. No mapa mundial do profundo desequilíbrio entre desenvolvimento humano e pegada ecológica, os países ibero-americanos estão em geral mais perto do que muitos outros de obter o equilíbrio entre ambos os termos da equação: este é um facto pouco conhecido e reconhecido, mas portador de esperança para construir uma visão a longo prazo como peça articuladora da nossa ambição estratégica.

Com base nas considerações anteriores, a Estratégia Ibero-Americana de Inovação (EII) pretende contribuir para o desenvolvimento sustentável na Ibero-América através do fomento da inovação com uma abordagem transversal, sistémica e orientada para o impulso, aceleração e consolidação do desenvolvimento humano, garantindo a sustentabilidade de forma multidimensional.





A ambição da Estratégia Ibero-Americana de Inovação (EII) consiste em tornar a Ibero-América numa área de liderança mundial do desenvolvimento sustentável, orientando e aproveitando os instrumentos do conhecimento e da inovação para concretizar uma transformação histórica.



Esta visão constrói-se a partir da combinação de elementos existentes e de uma forte aposta: trata-se de ir para além da simples extrapolação do presente para situar a Ibero-América como protagonista de um caminho de transformação de importância mundial. Obviamente uma estratégia deve necessariamente ser ambiciosa, mas a visão que se propõe baseia-se na mobilização e coordenação de capacidades e vantagens específicas da Ibero-América que são reais ou potenciais.

Há elementos suficientes para pensar que a visão é exequível, sempre que se transformem as atuais realidades da Ibero-América que impedem ou dificultam a realização das potenciais sinergias no conjunto do âmbito regional e do conceito de desenvolvimento sustentável em toda a sua radicalização. Este é um desafio de civilização substancialmente novo e para o qual são insuficientes ou inadequadas as receitas do desenvolvimento baseado na inovação científica e tecnológica tal como se concebeu nas últimas décadas. O desenvolvimento sustentável não só representa uma transformação do existente, mas também da forma de pensar e realizar a transformação. A visão manifestada pela EII aponta para um equilíbrio dinâmico entre múltiplos elementos:

- desenvolvimento humano pleno e socialmente equitativo;
- capacidades criadoras e empreendedoras;
- relação simbiótica com a natureza;
- riqueza em diversidade humana, cultural e biológica;
- gestão sustentável dos recursos naturais;
- superação das emergências climática e de destruição da biosfera;
- e, particularmente, desenvolvimento de novos processos produtivos em conformidade com estes elementos.

Como é óbvio, esta visão está por realizar e de momento não dispomos de bons instrumentos para avaliar quão longe estamos de a materializar. Cuán lejos estamos de materializá-la.



## UM NOVO CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO

Uma visão integradora do conceito de desenvolvimento sustentável pode formular-se como a aspiração a um bem-estar humano universal e equitativo no âmbito de uma biosfera saudável. Esta formulação permite destacar o essencial do espírito dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, e em particular que as duas dimensões fundamentais, humanidade e biosfera, não podem ser consideradas como independentes: são duas faces da mesma moeda, tal como veio evidenciar a pandemia da COVID-19.

Os ODS foram aprovados há cinco anos pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Embora se tenham registado evoluções em alguns deles, é claro que não se está a progredir por igual em todas as metas nem o suficientemente depressa, concretamente no que respeita a três aspetos críticos: mudança climática, perda de biodiversidade e aumento das desigualdades sociais. Por outro lado, a atual pandemia evidenciou o caráter sistémico e não separável dos múltiplos aspetos da vida em sociedade.

Também é claro que por si só um maior investimento em ciência e tecnologia não garante avançar na senda do desenvolvimento sustentável: os países com maior investimento científico e técnico alcançam sem dúvida quotas de desenvolvimento humano mais elevadas (medidas, por exemplo, pelo Índice de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas - IDH), mas em muitos casos são também os que imprimem maiores pegadas ecológicas, a níveis que resultam insustentáveis.

É necessário reconhecer que a “modernidade” inovadora dos tempos da industrialização maciça também teve efeitos negativos. Embora para o futuro da inovação seja importante considerar se estes foram involuntários ou se podiam ter-se evitado, a sua dimensão e caráter impedem considerá-los colaterais. Em 2020 já não podemos ignorar que as consequências dos padrões de desenvolvimento seguidos durante a segunda metade do século XX incluem desafios existenciais que ameaçam a humanidade no seu conjunto.

As responsabilidades de que isto tenha acontecido são assimétricas, mas agora as consequências afetam-nos a todos e portanto também nos envolvem a todos na sua resolução. Abordar estes desafios não é só uma questão de maior intensidade no esforço, mas depende sobretudo da qualidade e orientação deste esforço e de uma conceção revista do papel da ciência e da tecnologia na sociedade.

Portanto, a visão que aqui se coloca não é continuísta quanto aos métodos, intensidades e objetivos da inovação. Este é um dos motivos pelos quais a EII representa uma grande oportunidade: em vez de seguir com atraso padrões de ciência e inovação já consolidados em outras geografias, a Ibero-América pode contribuir decisivamente para um novo processo de disrupção regeneradora. Trata-se de reinventar a inovação para uma disrupção apoiada na ciência e tecnologia reflexivas e responsáveis, que ajudem a combater as ameaças existenciais que já conhecemos e a prevenir as futuras, favorecendo criatividade e empreendedorismos de novo cunho.

## A OPORTUNIDADE IBERO-AMERICANA

A evolução das sociedades complexas nem sequer se pode descrever ex-ante como um caminho linear para um futuro bem definido, já que a profundidade das transformações necessárias exigirá um processo de aprendizagem mútuo e a formulação de respostas hoje em dia inesperadas. Cada sociedade, país ou grupo de países também terá de enfrentar de forma diferente as mudanças necessárias para realizar essa visão.

Sem cair no simplismo de pensar que dois indicadores concretos representam adequada e fielmente a complexidade da visão apresentada, podemos analisar esta questão em termos de desenvolvimento humano (IDH) e pegada ecológica (de acordo com a definição da organização Global Footprint Network<sup>4</sup>). Esta mede a biocapacidade utilizada pelas atividades humanas em termos de hectares por pessoa ou, de forma mais gráfica, do número de planetas de que necessitaríamos para sustentar determinados níveis de produção e consumo. Neste sentido, a certos países e regiões (Canadá, Estados Unidos, Europa, Austrália, Nova Zelândia e alguns países da Ásia) correspondem pegadas ecológicas entre 2,5 e 5 planetas, pelo que enfrentam principalmente o desafio de uma redução drástica da sua pegada ecológica, entre 60% e 80%, sem que isso incida negativamente no seu desenvolvimento humano<sup>5</sup>. Trata-se de uma via inexplorada, que para já levanta mais incógnitas do que respostas.

Por sua vez e mesmo com grandes assimetrias, a Ibero-América tem em média e na maior parte dos países um notável IDH de 0,77 numa escala máxima de 1, e uma PE equivalente a 1,68 planetas<sup>6</sup>, não sustentável mas moderada em comparação com a dos países atrás mencionados. Vários países da região contam com uma PE próxima de 1 planeta, e por isso compatível com a manutenção da biosfera. A via para a Ibero-América é portanto muito diferente: trata-se de combinar um aumento mais equitativo do desenvolvimento humano com uma redução da pegada ecológica na ordem dos 30 a 40%.

Embora esta proposta apresente uma versão muito simplificada dos desafios, não deixa de mostrar a oportunidade da Ibero-América, caso tenha êxito na abordagem e execução da EII, para identificar corretamente os recursos de que necessita a fim de responder às suas próprias necessidades e para desenvolver as grandes potencialidades que surgem de uma articulação da inovação no conjunto da região. Sem idealizar a situação atual nem reduzir a dimensão do desafio, a Ibero-América conta com elementos favoráveis para iniciar um caminho transformador que além disso pode ser uma fonte de inspiração para muitos países de outras regiões.



## A FORMA DE AVANÇAR

O processo de execução da EII será tão importante como a visão em si para que esta se possa chegar a concretizar. Trabalhando com a inteligência coletiva e o respeito pelas singularidades e contextos particulares de cada um dos seus países, a Ibero-América pode desenvolver os processos, apoios institucionais e quadros de inovação social e tecnológica necessários para criar conhecimentos e desenvolver aplicações que permitam alcançar o objetivo de reconciliar a prosperidade humana com o planeta saudável.

Tudo isto exige um esforço regional coordenado que agregue e reúna esforços locais, sabendo que não haverá soluções de tamanho único, mas sim perspectivas e prioridades dependentes dos contextos nacionais e subnacionais. Para assegurar o bem-estar regional, será importante combinar a coordenação e os esforços transversais que permitam conectar e configurar agendas específicas de ciência, tecnologia e inovação. Não se trata apenas de coordenar as agendas nacionais entre si, mas de proporcionar a cada uma delas os conhecimentos, práticas e valores acrescentados que não se mobilizariam sem a EII.

Um fator importante será a colaboração com as comunidades aferradas aos territórios e em processo de busca dos seus próprios caminhos para o desenvolvimento sustentável. A nova conceção da inovação que se coloca passa por, entre outros meios, estimular a eclosão maciça e o florescimento de comunidades regenerativas baseadas na economia circular, descarbonização e gestão sustentável dos recursos. Como não podia deixar de ser, outro elemento fundamental e insubstituível é a participação e mobilização do setor empresarial, para dar lugar a novos produtos, serviços e processos produtivos que respondam à visão avançada.

Não menos importante, a criação do conhecimento e das capacidades necessárias produzir-se-á a partir da força de uma Ibero-América com imensas riquezas culturais, patrimoniais e históricas e com uma multiplicidade de saberes e tradições. Longe de serem marginalizadas, estas estarão no coração transdisciplinar de uma reconciliação entre culturas humanísticas e científicas, sem a qual a nossa reconciliação com a natureza também não seria possível, e que pode chegar a ser a chave de uma nova geração de progressos tecnológicos sustentáveis por design, a partir da sua própria conceção. Por sua vez, isto dará uma projeção renovada à Ibero-América no âmbito global, afastada dos atuais estereótipos e com nova capacidade de liderança e cooperação.

Como já foi dito, todos estes elementos exigem uma revisão inovadora do conceito tradicional de inovação que se tem vindo a utilizar nas últimas décadas. Daí a necessidade de uma estratégia ambiciosa, na qual a inovação se configure como o melhor instrumento para promover o desenvolvimento sustentável e a criação de resiliência sistémica face às incertezas. Trata-se de criar uma capacidade distribuída e sinérgica para absorver perturbações e crises, inclusive do nível de gravidade da COVID-19, e de se adaptar com utilidade às tendências de fundo da evolução humana, modelando-as para assim dar lugar a um desenvolvimento equilibrado e sustentável, combinando bem-estar humano, impacto social e saúde da biosfera.



## UMA ESTRATÉGIA NO TEMPO

A Estratégia Ibero-Americana de Inovação (EII) adota um olhar transformador, que integra e coordena múltiplos elementos de maneira coerente. A visão representa um cenário desejável que se pretende alcançar no futuro, através de um processo ou de um conjunto de processos que serão desenvolvidos conforme a temporalidade e princípios orientadores, não se limitando portanto a um marco singular situado num futuro remoto. Neste sentido, a execução da EII estruturar-se-á através da combinação de diferentes âmbitos temporais, que estão ligados entre si e se reforçam mutuamente:

### Ações a curto e médio prazo

Com um horizonte máximo de 2 anos e estruturadas em planos operacionais bienais, que permitam obter resultados concretos e materializar objetivos, consolidando assim o processo integral da EII e reforçando a sua legitimidade com benefícios tangíveis. A própria EII incluirá no momento do seu arranque um conjunto de ações para os primeiros dois anos.

### Governança do desenvolvimento da EII

Em ciclos a mais longo prazo e em sintonia com a evolução das agendas nacionais e das prioridades de primeira ordem. Um correto desenvolvimento da EII exigirá rever periodicamente o seu grau de execução e as atualizações para a adaptar a realidades em transformação. Deste modo, poderá ajustar-se tudo o que for necessário, bem como reforçar os elementos menos desenvolvidos e, caso se considere pertinente, incluir elementos novos. Para isso, prevê-se que o período seja de 4 anos, ficando este ciclo temporal estruturado em planos de ação quadrienais. Até 2030, as revisões da EII serão realizadas com uma ênfase especial no acompanhamento e obtenção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas.

### Escala intergeracional

A mais ambiciosa, pois pretende tornar realidade a referida visão transformadora no curso da mudança de uma geração para a seguinte: combina o duplo desafio da continuidade dos processos iniciados e da sua eficácia em termos de transformação social, económica e ambiental. Esta escala pode estabelecer-se no horizonte do ano 2050.



Independentemente destas escalas temporais, a EII incluirá o grau de flexibilidade suficiente para responder a acontecimentos imprevistos de primeira ordem, tal como a pandemia de 2020, e em consequência orientar as atividades de forma extraordinária sempre que tal se considere necessário.

## 4 PRINCÍPIOS



A identificação de princípios relevantes para a EI proporciona um quadro de referência que permite assegurar a coerência dos diferentes elementos que compõem a Estratégia e a sua execução. Os princípios são úteis para articular esses elementos e especialmente para abordar e resolver dilemas e tomar decisões sobre meios e fins. Os princípios que aqui se expõem têm sobretudo a ver com o papel da inovação como impulsionadora do desenvolvimento sustentável, pois tal como já se referiu é necessária uma mudança substancial de paradigma para assegurar que os resultados da inovação estão em consonância com os principais desafios sociais, económicos e ambientais que se nos colocam.

Tudo isto implica a necessidade de promover um exercício responsável de inovação, no sentido integral. As reflexões sobre esta questão remontam pelo menos aos anos 40 do século passado, quando a Segunda Guerra Mundial transportou para um novo nível até que ponto as capacidades científicas e tecnológicas podiam ser utilizadas para criar uma destruição sistemática e em grande escala, sem que no presente essa prática tenha sido totalmente eliminada. Estas reflexões têm além disso uma vigência ainda maior, por estarem ligadas à evolução das sociedades e a situações sensíveis criadas nas décadas mais recentes. Entre elas encontram-se as ameaças existenciais auto-infligidas, devido a uma industrialização bem intencionada, mas em grande medida cega quanto às suas consequências, bem como as preocupações criadas por uma digitalização maciça e sem mais referências do que a sua própria lógica tecnológica ou económica, que comprometem a sustentabilidade do desenvolvimento. Por tudo isto, o impulso de uma nova abordagem da inovação tornou-se numa urgência absoluta. A pandemia da COVID-19 não fez mais do que reforçar essa necessidade, ao evidenciar a fragilidade das nossas sociedades face a eventos não antecipados para os quais a ciência e a tecnologia ainda não dispõem de respostas no momento em que acontecem.

Colocam-se aqui três grandes princípios orientadores (Inovação Responsável, Inovação Aberta e Inovação no âmbito Público) e cinco princípios operacionais (Finalidade, Diferenciação, Participação, Coordenação e Acompanhamento).

**A Inovação Responsável é o primeiro princípio da EII.** Trata-se de promover que a inovação que se põe em marcha seja:

**Reflexiva**, tornando explícitos os quadros conceptuais a partir dos quais se concebe a inovação e que em muitos casos se dão por evidentes. Se a inovação é o resultado de ações deliberadas por parte de observadores da realidade (cientistas, peritos tecnológicos e empreendedores), a análise e eventual revisão dos enquadramentos com que se trabalha é um requisito. Por exemplo, até agora parte-se do pressuposto de que um dos objetivos da inovação é conseguir crescimento económico medido em termos do PIB. A falta de sustentabilidade social e ambiental mostra que tal não é suficiente, ou que até pode ser desadequado. Tal como se referiu na secção 3, dedicada à Visão, trata-se de conseguir o crescimento equitativo dos níveis de bem-estar de forma compatível com a biosfera, o que propicia um enquadramento totalmente diferente.

**Inclusiva**: a ciência, tecnologia e inovação não podem ser atividades isoladas das sociedades onde se desenvolvem. Sem a inclusão de todo o tipo de agentes sociais e de disciplinas do conhecimento na identificação dos desafios a abordar e na elaboração das agendas públicas de inovação, esta dificilmente poderá ser eficaz e alcançar os seus objetivos económicos, ambientais e sociais. Também é necessário o reconhecimento da condição sempre inacabada da inovação, na qual a aprendizagem mútua e permanente é imprescindível para criar novas realidades mais de acordo com os desafios e aspirações da sociedade.

**Recetiva à evolução dos valores**, necessidades e expectativas das sociedades em que se desenvolve. A agenda da inovação em 2020 e nos anos vindouros terá de ser radicalmente diferente da que teve sentido nos anos 1950, quando o quadro de desenvolvimento da inovação científica e tecnológica se institucionalizou, mas também da que emergiu nos anos 2000, quando a revolução digital ganhou impulso. E não se trata apenas de uma evolução da agenda em termos científicos e tecnológicos, mas principalmente da formulação das perguntas e desafios que se abordam.

**Antecipadora das suas próprias consequências**. Não se trata de um exercício impossível para prever tudo o que pode acontecer, mas de entender que os processos de inovação interagem com sociedades complexas e que portanto nunca são lineares nas suas consequências; nem nas intencionais nem, muito menos, nas que o não são. Portanto, a conceção da inovação em termos meramente de "problemas" e "soluções" é na realidade incompleta e até inadequada: cada passo de inovação é uma etapa de um processo evolutivo, no qual há perguntas e respostas, algumas inesperadas, que levam a novas perguntas, e assim indefinidamente. A antecipação exige analisar o espaço das possibilidades e ouvir o processo de aprendizagem mútua entre iniciativas inovadoras e a sua receção por parte da sociedade.

Todas estas características de uma Inovação Responsável estão ligadas entre si: não pode ser antecipadora sem simultaneamente ser reflexiva e inclusiva, e assim sucessivamente. Não se trata de dimensões independentes mas de diferentes aspetos do mesmo conceito. Com base nestas características, podem inferir-se princípios operacionais, aos quais nos iremos referir mais adiante.



**A Inovação Aberta é o segundo princípio da EII.** Trata-se de promover e expandir um modelo de inovação, tanto no setor público quanto no setor privado, que fomente a participação e o envolvimento de agentes externos nos processos criativos, quer na produção de conhecimento quer no desenvolvimento e na inovação, fomentando a colaboração e o intercâmbio de ideias e favorecendo um uso mais eficaz do conhecimento interno e externo. Assumirão maior importância neste modelo a conceção e a gestão de comunidades de inovação, já que tanto pelas suas motivações quanto pelos seus protagonistas as fontes da inovação podem surgir de âmbitos não convencionais, especialmente no contexto de Inovação Responsável que se coloca. Portanto, é uma questão de equilibrar colaboração com competição nos processos de inovação e de reforçar os efeitos da rede para acelerar a difusão e o aproveitamento de conhecimentos e aplicações.



**Inovação no e a partir do âmbito Público.** É o terceiro princípio da EII e não menos importante que os anteriores. Trata-se de promover um papel muito mais ativo do âmbito público na criação das condições propícias para a inovação e no seu fomento, quer dentro quer fora dele, incluindo a inovação pública. Isto exige o desenvolvimento de um sistema público de inovação com mais força institucional, mais aberto e interconectado.

É necessário um grau substantivo de inovação institucional, dado que as arquiteturas existentes podem não ser adequadas para abordar desafios diferentes daqueles para os quais foram concebidas. Consiste, portanto, em promover políticas públicas de inovação dirigidas não apenas ao setor privado mas também às próprias administrações, orientando-as para a Visão da EII, bem como em mobilizar talento e recursos promovendo a participação da sociedade no seu conjunto.



## Princípios Operacionais

**Finalidade.** Demonstrar a capacidade dos processos de inovação por forma a contribuir para um bem-estar humano universal e equitativo no âmbito de uma biosfera saudável. Esta finalidade distingue-se de enquadramentos anteriores, exclusivamente centrados no crescimento do PIB, e é consistente com a Agenda 2030 das Nações Unidas para o desenvolvimento sustentável. Em termos práticos, adotará diferentes apresentações concretas que tenham em conta os vários contextos na sua multiplicidade de dimensões (geográficas, culturais, políticas, económicas, etc.).



**Diferenciação.** Proporcionar à Ibero-América uma posição de liderança global no desenvolvimento sustentável, ao adotar em grande escala um modelo diferente de desenvolvimento humano para o século XXI, o que pode contribuir para as relações com outras regiões em termos de intercâmbio mais equilibrados.



**Coordenação e instrumentos.** Desenvolver o potencial das sinergias e da aprendizagem mútua entre os países do âmbito ibero-americano, até agora insuficientemente desenvolvidas. A EII não substitui os processos e agendas nacionais de inovação, mas permite reforçar a aprendizagem mútua e um maior grau de coordenação ativa em torno de uma Visão, Princípios e Metas comuns. Com base no respeito pelos contextos particulares de cada um dos países, a Ibero-América tem capacidade para acrescentar valor aos processos de inovação a partir do âmbito regional, através da utilização de instrumentos específicos que permitam combinar eficácia, agilidade e flexibilidade na execução da estratégia.



**Participação.** Fomentar o alargamento do âmbito dos agentes participantes nos processos de inovação. A liderança do setor empresarial e o fomento do empreendedorismo continuarão a ser essenciais para a transformação do setor produtivo e a criação de novos produtos, serviços e processos, mas a ambição da EII exige a mobilização simultânea e a participação de todos os setores. Isto inclui as administrações públicas, âmbitos académicos e de investigação, instituições de financiamento e cidadania, bem como as comunidades envolvidas em transformações para a sustentabilidade em contextos territoriais e culturais específicos, tanto urbanos quanto rurais. Para garantir a eficácia da inovação na direção desejada, esta participação alargada englobará a formulação e a definição de prioridades nos desafios e, portanto, nos processos de configuração das agendas de inovação.



**Acompanhamento e avaliação contínua.** Realizar um acompanhamento integral da intensidade inovadora e dos impactos da inovação, incluindo as dimensões económica, social e ambiental. Isto exigirá um processo de desenvolvimento e implementação de indicadores que reflita o carácter específico da Visão e dos Princípios aqui mencionados, bem como das Metas que serão apresentadas mais à frente, e que sejam úteis para a coordenação e gestão de processos da EII, que serão complexos e irão ser desenvolvidos em diferentes escalas temporais. Serão realizadas avaliações regulares, de dois em dois anos, no contexto dos Planos Operacionais e, de forma mais profunda, de quatro em quatro, no dos Planos de Ação, permitindo desta forma a atualização e adaptação a circunstâncias variáveis.





A definição das metas é uma parte essencial de qualquer estratégia com autêntica vocação transformadora. No caso da EII, a realidade que se pretende transformar é complexa e em mutação, devido a dinâmicas que se encontram muitas vezes fora do alcance do controlo ou inclusivamente da influência da Estratégia. Portanto, seguiram-se algumas regras para garantir o rigor na conceção das Metas, bem como a máxima eficácia no posterior processo de acompanhamento e governação na execução da EII:

As Metas da EII devem corresponder a elementos sobre os quais a EII tenha em si mesma capacidade de ação ou de influência direta, e não a diretrizes mais gerais nas quais tenha uma influência reduzida ou unicamente indireta;

As Metas devem ser consistentes com a Visão e os Princípios; devem ser a tradução destes em elementos concretos para orientar as ações na execução da EII;

As Metas devem constituir um conjunto compacto e contar com indicadores de fácil conceptualização e elaboração, por forma a que o processo de acompanhamento e avaliação da EII seja ágil, rápido e pouco dispendioso;

Os indicadores não têm porque se referir unicamente a séries temporais de variáveis quantificáveis; a consecução de Metas qualitativas também pode constatar-se e medir-se (por ex. através de inquéritos);

Na medida do possível, a dinâmica subjacente à conquista de cada Meta deve ser identificável, de maneira a que se possa atuar sobre os fatores-chave para a sua concretização;

Sempre que se determinem objetivos intermédios para as Metas, estes deverão referir-se a períodos de 4 anos que coincidirão com os do correspondente Plano de Ação, de forma que sejam passíveis de avaliação e revisão de acordo com a dinâmica geral de governação da EII.

#### Meta 1. Fomentar

Promover a inovação no setor público e no tecido empresarial ibero-americano, bem como no resto da sociedade, incrementando o seu compromisso para com a sustentabilidade e alargando o perímetro das empresas e instituições inovadoras.

#### Meta 2. Focar.

Orientar as atividades de inovação para o objetivo de impulsionar o desenvolvimento sustentável, a partir da identificação dos desafios e oportunidades de maior relevância e impacto e dando prioridade às respostas aos desafios dos setores e âmbitos estratégicos.

#### Meta 3. Envolver

Criar, em todos os âmbitos territoriais pertinentes, mecanismos e redes de interação e participação das administrações públicas, agentes económicos e sociais e cidadania na definição dos desafios e oportunidades do desenvolvimento sustentável, bem como na configuração das agendas de inovação e na sua implementação.

#### Meta 4. Vertebrar

Criar mecanismos e instrumentos para aproveitar sinergias entre instituições e programas e iniciativas já existentes, a todos os níveis, e mobilizar recursos adicionais para o fomento de ações colaborativas específicas com dimensão ibero-americana.

#### Meta 5. Aprender

Fomentar a sistematização, difusão, partilha e intercâmbio de experiências e boas práticas, favorecendo a circulação do conhecimento, a aprendizagem mútua e a adoção por parte dos países de práticas reforçadoras dos seus ecossistemas de inovação.

#### Meta 6. Partilhar

Implementar iniciativas concretas de uso partilhado de infraestruturas e capacidades científicas, tecnológicas e para a inovação entre os países ibero-americanos, criando oportunidades específicas para a geração de cadeias de valor de dimensão regional e global.

#### Meta 7. Atrair

Potenciar a capacidade da Ibero-América para atrair, recuperar e reter talento, com medidas de incentivo e favorecedoras da mobilização de capacidades humanas de inovação para o desenvolvimento sustentável.

#### Meta 8. Transferir.

Favorecer a transferência de conhecimentos, através do fomento de ligações bidirecionais entre ciência, administrações públicas e empresas que contribuam para a compreensão mútua de necessidades e objetivos, prestando especial atenção às PME, bem como de medidas de incentivo e quadros regulamentares propícios.

Os indicadores para o acompanhamento e a avaliação do progresso de cada uma das Metas serão formulados como parte do processo de elaboração do primeiro Plano de Ação da EII, de forma a que se integrem de maneira consistente com os restantes indicadores necessários para assegurar o acompanhamento e a avaliação integrais, bem como a governação do desenvolvimento da Estratégia. Voltaremos a referir-nos a isto mais adiante.



Nas anteriores secções deste documento, desenvolveram-se elementos que proporcionam as bases conceptuais e de intervenção da EII, definindo a sua Visão, Princípios e Metas. A presente secção identifica Eixos de Ação que respondem a dois objetivos simultâneos:

Produzir resultados concretos a curto e médio prazo para reforçar a dinâmica de funcionamento da EII e o grau de envolvimento dos agentes, cuja motivação será incrementada pela concretização de objetivos tangíveis,

Criar as condições que mobilizem e facilitem transformações profundas de âmbito regional a mais longo prazo.

Assim, a partir da Visão e dos Princípios definidos e com o objetivo de alcançar as Metas estabelecidas, a seguir concretizam-se a os Eixos de Ação que deverão articular as linhas de ação e atividades a realizar no quadro da EII. A definição das linhas de ação para cada quadriénio será realizada nos Planos de Ação, na medida em que as atividades correspondentes se concretizarão para cada biénio nos Planos Operacionais.

### E1. Articulação, colaboração e fomento da participação

Trata-se de promover o estabelecimento dos mecanismos, redes e instrumentos necessários para favorecer a ação colaborativa e conjunta dos sistemas de inovação dos países ibero-americanos, nos seus diferentes níveis e âmbitos, bem como de fomentar a participação nos processos de inovação através da aplicação e extensão do modelo de inovação aberta.

### E2. Promoção do talento

O talento humano é o fator mais importante para atingir as Metas estabelecidas na EII e o património mais valioso com que a Ibero-América pode contar para promover o desenvolvimento sustentável. Neste sentido, o contexto é duplamente exigente, em primeiro lugar, porque as condições atuais nem sempre são favoráveis para reter na região o talento científico, tecnológico e inovador que esta é capaz de produzir; em segundo lugar, porque a orientação das atividades de inovação para o desenvolvimento sustentável nos termos fixados pela Agenda 2030 é um desafio essencialmente novo, também a nível global e, portanto, exigirá a criação de novas capacidades. Estas duas exigências deverão transformar-se em forças de tração da EII.

### E3. Aprendizagem mútua

Tal como já se referiu, a EII não pretende substituir os mecanismos já existentes, mas criar sinergias positivas, fomentar a colaboração e promover ações complementares que contribuam para o reforço dos sistemas nacionais de inovação e para um salto quantitativo e qualitativo da inovação na Ibero-América, orientando-a para o desenvolvimento sustentável. Neste sentido, um dos aspetos mais importantes é a difusão e o intercâmbio de melhores práticas e de conhecimentos adquiridos, para o seu melhor aproveitamento por parte do conjunto dos países ibero-americanos e a aprendizagem mútua a partir de experiências partilhadas.

### E4. Sinergias

Para maior eficácia e eficiência na obtenção das Metas da EII é imprescindível fomentar uma melhor coordenação, concertação e aproveitamento cooperativo de esforços já existentes, identificando, favorecendo e potenciando as possíveis sinergias à escala ibero-americana e com outros âmbitos de associação estratégica.

### E5. Mobilização de recursos

A conquista das Metas fixadas pela EII exigirá um melhor aproveitamento das atuais capacidades e recursos, potenciando a eficácia e a eficiência com base na cooperação; mas também será preciso que tanto os sistemas nacionais de inovação quanto as linhas de ação e atividades que se promovam para o desenvolvimento da Estratégia contem com os recursos necessários. Só assim se poderão assegurar a criação de novas capacidades e a implementação de novos instrumentos para o fomento da inovação, bem como para o uso pleno das sinergias existentes e futuras, utilizado todo o seu potencial.

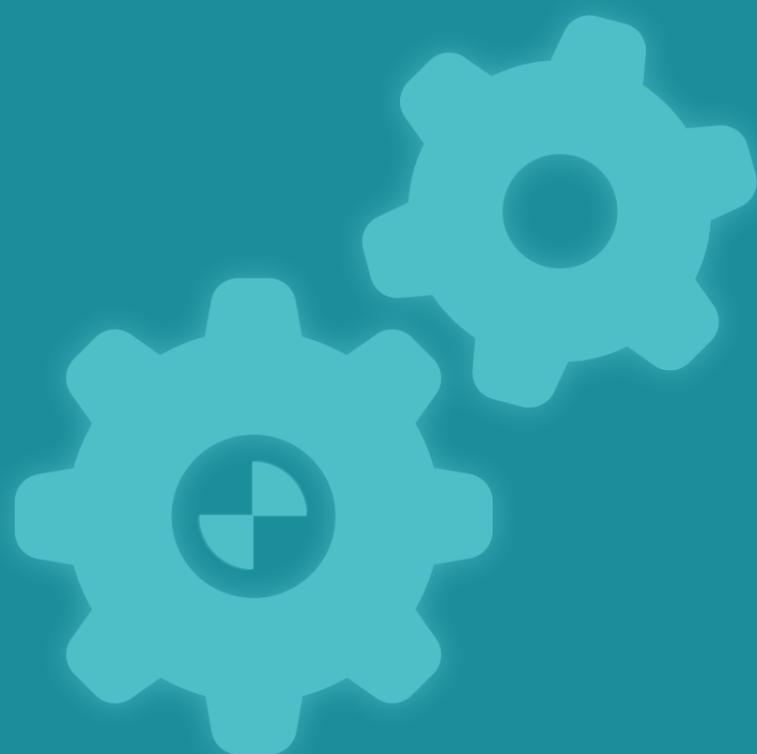
### E6. Coordenação e acompanhamento

Outro fator crítico para o adequado desenvolvimento da EII e para a concretização das suas Metas, será dispor de capacidades, mecanismos e instrumentos para o intenso trabalho de coordenação necessário, bem como para o acompanhamento da sua implementação e para a evolução dos indicadores de inovação na Ibero-América, relativamente às Metas e objetivos dos sucessivos Planos de Ação e Planos Operacionais Bienais. Este Eixo de Ação também incluirá, de forma consistente com as funções de coordenação e acompanhamento, as linhas de ação e as atividades relacionadas com a avaliação da EII e as de prospetiva.

Este Eixo de Ação incluirá o desenvolvimento de um Sistema de Informação e Acompanhamento da EII (SIAEII), como ferramenta essencial para oferecer dados atualizados sobre o estado e a evolução da inovação na Ibero-América a partir das informações proporcionadas pelos países, bem como sobre o progresso e desenvolvimento da própria Estratégia Ibero-Americana de Inovação. Na Secção 7 referir-nos-emos novamente ao SIAEII no ponto dedicado às ferramentas próprias da EII.

Com esta organização em Eixos de Ação dá-se uma resposta simultânea e efetiva a todas as dimensões que são necessárias para originar uma transformação da envergadura prevista na Visão da EII:

- Agenda partilhada: E1 e E6;
- Pessoas: E1 e E2;
- Recursos, em particular financeiros: E4 e E5;
- Infraestruturas: E4 e E5;
- Quadros regulamentares: E1 e E3;
- Projetos de tração: E2, E4 e E5.



A Visão descrita na Secção 3 coloca a necessidade de uma série de transformações de grande envergadura e à escala da Ibero-América. Para promover eficazmente essas transformações, o sucesso da EII dependerá em grande medida da qualidade do processo ou do conjunto de processos necessários para a sua implementação.

Não podemos ignorar que a realidade dos países que constituem a região é extraordinariamente diversa. A esta escala, é considerável o desafio de coordenar e criar sinergias entre uma grande quantidade e variedade de instituições, políticas nacionais e agentes públicos e privados do âmbito da inovação, tendo em conta as grandes assimetrias entre os países e no interior deles. Utilizando uma metáfora proveniente do pensamento sistémico, podemos dizer que os atores e agentes da inovação, e os contextos em que estes operam, constituem um conjunto de ecossistemas de inovação. Neste sentido, a EII aspira a realizar três ações fundamentais e interdependentes:

- Contribuir para reforçar os ecossistemas de inovação em cada país;
- Articulá-los entre si e criar sinergias para conseguir uma maior eficácia e eficiência no âmbito ibero-americano e com outros espaços de associação estratégica;
- Favorecer a sua orientação de acordo com o paradigma de desenvolvimento sustentável.

Esta tripla ação exige apelar ao pensamento sistémico mais avançado para formar os processos da EII. Tal como noutros exercícios estratégicos de natureza semelhante, incluindo a Agenda 2030 à escala global, verificam-se uma série de tensões entre:

- A natureza deliberada dos nossos objetivos e a sua escala temporal a longo prazo;
- A complexidade das realidades que se pretendem transformar;
- A incerteza e imprevisibilidade próprias de sistemas complexos, devido entre outros motivos a acontecimentos que podem resultar em perturbações de primeira ordem na evolução das nossas sociedades, tais como evidenciou a COVID-19.

O desafio que estas tensões representam para o cumprimento dos objetivos da EII requer uma ação pública decidida e eficaz, bem como uma especial atenção à qualidade e abordagem das intervenções que se realizem.

Uma primeira reflexão sobre essas intervenções, refere-se à circularidade dos processos de desenvolvimento da inovação. No comportamento dos ecossistemas não existe uma causalidade linear; não há soluções definitivas para problemas bem definidos, mas ciclos de perguntas que levam a determinadas respostas que, por sua vez, produzem novas perguntas e assim sucessivamente.

O conceito-chave para responder a essa circularidade é a aprendizagem mútua e contínua. Tal como anteriormente foi referido, os caminhos de uma inovação centrada em futuros de bem-estar humano no âmbito de uma biosfera saudável não estão traçados, não existem modelos de referência e, parafraseando o poeta, far-se-ão portanto ao andar. Neste processo, a oportunidade de debater coletivamente, unir esforços e aprender com experiências alheias e próprias num contexto de confiança, podem fazer a diferença no êxito.

Não se trata apenas de uma questão de massa crítica que pode surgir de esforços coordenados, mas de intercâmbios frutuoso entre perspectivas e experiências diferentes para acertar na ação comum ibero-americana. Portanto, a circularidade integrada na EII através da aprendizagem mútua e contínua é a que permite evitar cair num excesso de planificação convencional que produziria rigidez e, a longo prazo, irrelevância.

#### Ferramentas próprias

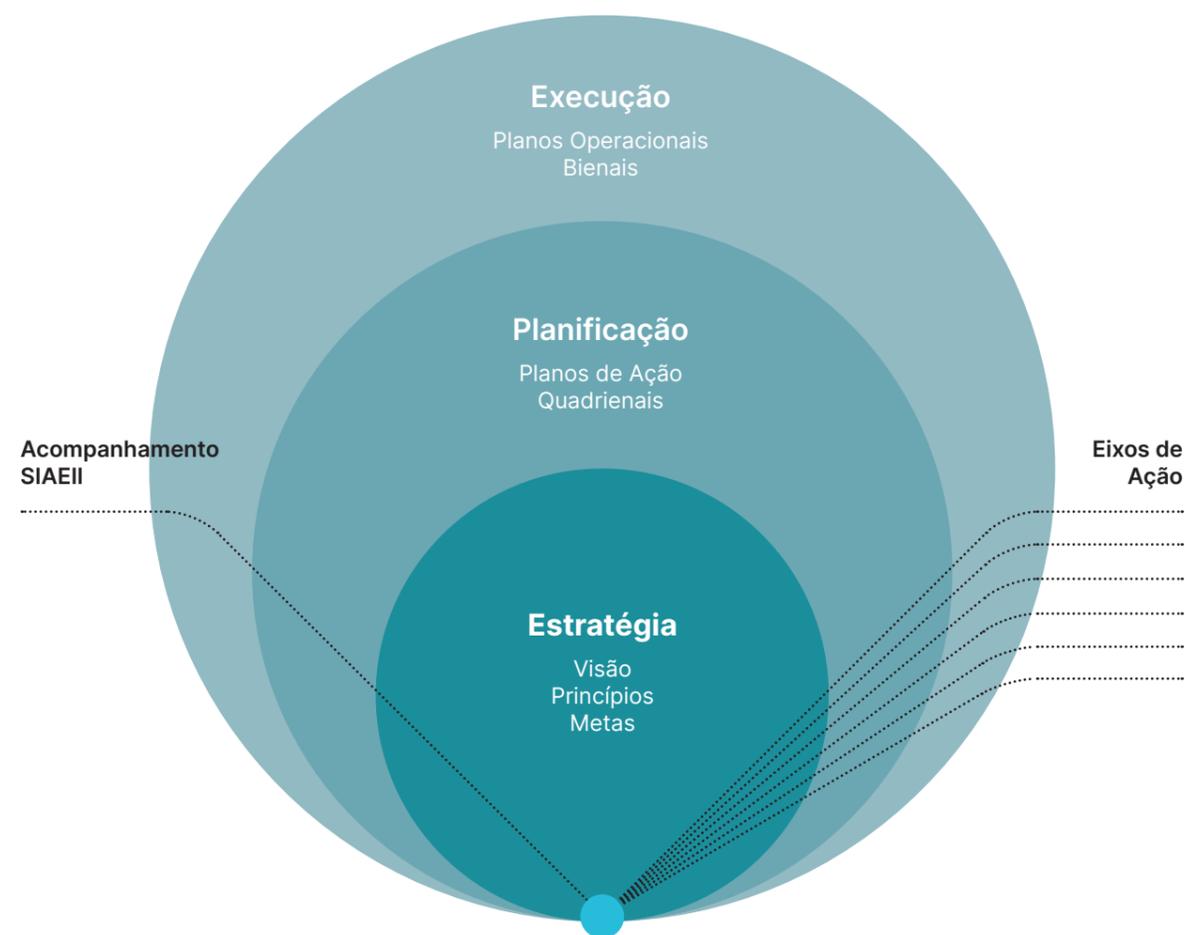
A EII estabelece-se primeiramente numa Visão (ver Secção 3 deste documento) e Princípios (Secção 4), a partir dos quais se definem Metas (Secção 5) e Eixos de Ação (Secção 6). A seguinte tabela mostra como os diferentes Eixos de Ação contribuem para a obtenção das diferentes Metas (as contribuições mais diretas estão marcadas com um fundo mais escuro).

Tabela 1: ontribuição dos Eixos de Ação para a obtenção das Metas da EII

Metas	Ejes de actuación					
	Articulación y Colaboración	Promoción del talento	Aprendizaje mutuo	Sinergias	Movilización de recursos	Movilización de recursos
Fomentar	●	●	○	●	●	●
Enfocar	○	○	●	●	●	●
Implicar	●	●	○	●	●	○
Vertebrar	●	●	●	●	●	●
Aprender	●	●	●	●	●	●
Compartir	●	○	●	●	●	●
Atraer	●	●	○	●	●	○
Transferir	●	●	●	●	●	○

As Metas e os Eixos de Ação são elementos estratégicos da EII, que têm validade ao longo de todo o seu ciclo de vida. No seguinte nível, o da planificação, a EII desenvolve-se em Planos de Ação Quadrienais, que refletem as prioridades e linhas de ação concretas num quadro temporal de 4 anos (tal como se definiu na Secção 3). Por sua vez, ao nível da execução, os Planos Operacionais Bienais especificam as atividades a realizar, que podem adotar diversas formas operacionais. Assim, a efetividade de todas as intervenções ao longo do tempo é assegurada por Planos de Ação Quadrienais e por Planos Operacionais Bienais, cuja definição e revisão são um dos principais elementos da governação da EII. Os Planos de Ação incluem linhas de ação que contribuem para os Eixos de Ação da EII e os Planos Operacionais concretizam essas linhas de ação em atividades. A supervisão e o acompanhamento da execução e dos resultados obtidos será realizada a todos os níveis: estratégia, planificação e execução. Na figura 1 representa-se a articulação dos diferentes elementos da EII entre si.

Figura 1: Articulação dos diferentes elementos da EII



Como elemento específico de apoio à supervisão, acompanhamento e avaliação do desenvolvimento da Estratégia, a EII contará com um Sistema de Informação e Acompanhamento (SIAEII) que permitirá avaliar o grau de concretização das Metas, bem como a própria evolução da inovação na Ibero-América, através de um conjunto de indicadores selecionados para esse efeito.

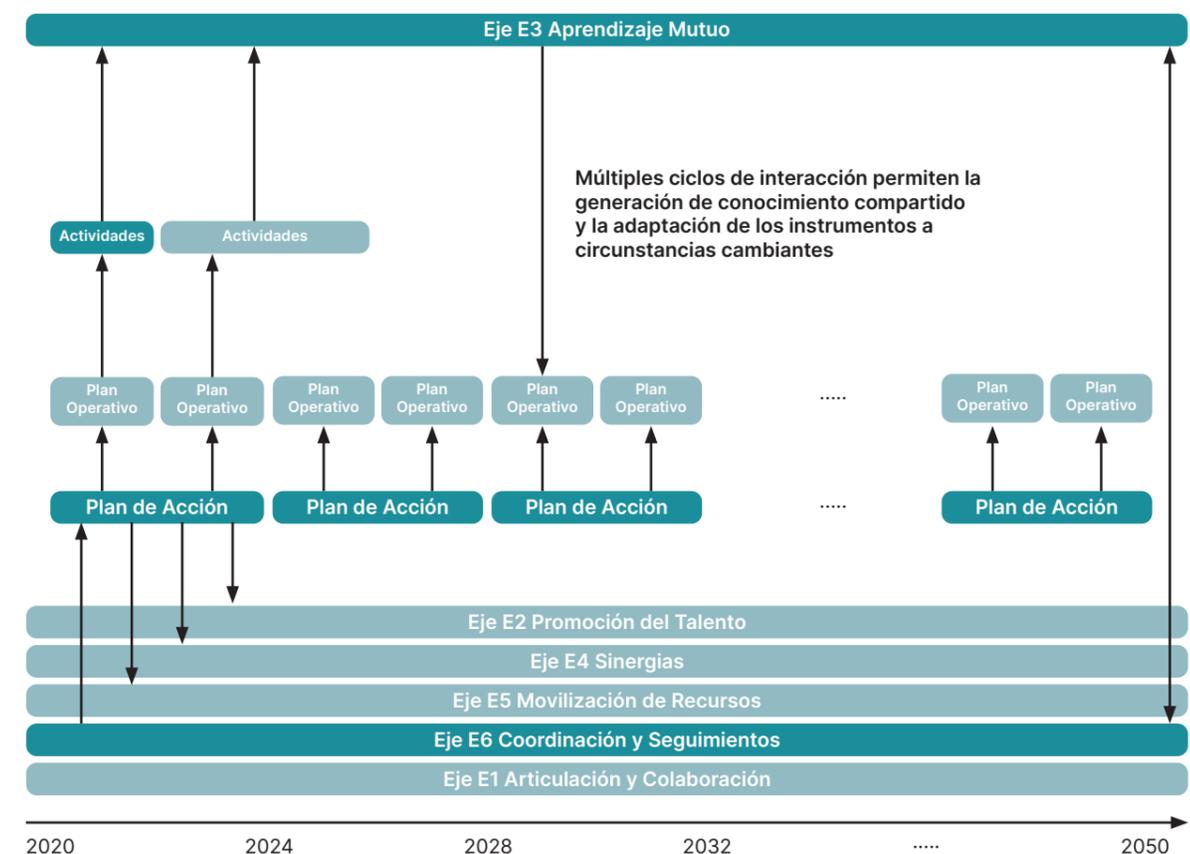
A EII é inovadora na sua Visão e abordagem, e em consequência também o deverá ser nos seus métodos. Há mais de uma década que se tem vindo a analisar nos países com maior intensidade de CTI o insuficiente alinhamento dos processos de inovação tecnológica com os grandes desafios sociais e os valores e necessidades da cidadania, bem como a importância de fomentar a inovação pública. Esta análise deu lugar, entre outros, aos conceitos de Inovação Responsável e Inovação Aberta, que a EII adota como Princípios Orientadores (ver Secção 4). Ser consequente com estes princípios envolve reconhecer a necessidade de uma renovação metodológica, em particular quanto à avaliação e acompanhamento das atividades de inovação. A referida renovação metodológica deverá perseguir os seguintes objetivos:

- Alinhar a finalidade das linhas de ação e das atividades com o objetivo global de um bem-estar humano compatível com uma biosfera saudável, aspeto que não está resolvido em termos metodológicos nos quadros estratégicos clássicos;
- Evitar que metodologias excessivamente rígidas na definição e planificação de linhas de ação e atividades frustrem a verdadeira inovação: esta não é o resultado de processos de engenharia nos quais se conhecem de antemão os resultados e as formas de chegar a eles, mas um processo de co-avaliação entre os agentes e atores da inovação e da sociedade no seu conjunto;
- Dotar todos os quadros de ação da EII de uma agilidade e flexibilidade que são muito valiosas tanto em ambientes de mudança profunda, necessariamente marcados por uma maior incerteza, quanto para responder a eventos inesperados.

Por ello se considera imprescindible el desarrollo de una Metodología propia de evaluación y seguimiento de la EII.

En la figura 2 se recoge un esquema gráfico de las interrelaciones entre las herramientas propias de la EII en los niveles de planificación y ejecución, desde la perspectiva de su desarrollo temporal.

Figura 2: Desenvolvimento temporal da planificação e execução da EII



## Ferramentas externas e parcerias

Para o desenvolvimento das ações contempladas, é evidente que a EII terá de dispor de capacidades técnicas, administrativas, de gestão e de coordenação com múltiplas entidades públicas e privadas. No entanto, a EII pretende operar com uma grande economia de meios, utilizando ao máximo as possibilidades oferecidas por instrumentos, mecanismos e instituições já existentes, bem como através da desconcentração de atividades.

Não é o objetivo nem o âmbito deste documento a conceção de um plano pormenorizado de execução, questão própria dos níveis de planificação e execução, mas vale a pena citar como instrumentos e aliados necessários os programas, iniciativas, projetos adstritos e redes da cooperação ibero-americana ligados ao Espaço Ibero-Americano do Conhecimento, muito especialmente o Programa Ibero-Americano de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento (CYTED), que tem uma estrutura de gestão e experiência significativa desenvolvida a partir da sua criação em 1984, bem como o Programa Ibero-Americano de Propriedade Industrial e Desenvolvimento (IBEPI). A EII deverá ter presente o CYTED para a implementação de uma grande parte das suas ações, evitando a duplicação de esforços e minimizando a criação ex nihilo de novas estruturas de gestão.

Existem também muitas oportunidades de coordenação e sinergia com outros programas internacionais no âmbito da inovação. Esse é o caso dos programas promovidos por diversas instituições financeiras multilaterais e dos diferentes programas da União Europeia afins à EII.

Convém sobretudo referir as atividades do processo de associação estratégica entre a União Europeia (UE) e a Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC), que tem uma das suas prioridades no âmbito da investigação científica e inovação, a que se dedica o Capítulo 1 do Plano de Ação birregional, com o objetivo estabelecido de desenvolver o Espaço do Conhecimento UE-CELAC.

O diálogo birregional nesta área articula-se através da "Iniciativa Conjunta UE-ALC de Investigação e Inovação", estabelecida em março de 2011 para consolidar a cooperação UE-CELAC e atualizar as prioridades comuns, favorecer a aprendizagem recíproca das políticas e assegurar a correta aplicação e a eficácia dos instrumentos de cooperação.

Em 2017 a inovação foi integrada na agenda comum EU-CELAC, com o objetivo de a promover através da partilha de experiências e do intercâmbio de melhores práticas sobre as condições reguladoras que lhe são propícias. A inclusão da inovação como quarto pilar da Iniciativa Conjunta ocupará um espaço destacado da agenda da reunião de Altos Funcionários de 30 de outubro de 2020.

## Governança

Com a mesma abordagem atrás exposta, não se trata de criar uma estrutura de governança complexa, mas sim de inserir a EII nos mecanismos já existentes e de criar apenas o estritamente necessário. Neste sentido, o órgão máximo de análise, concertação e decisão será a Reunião de Ministras, Ministros e Altas Autoridades de Ciência, Tecnologia e Inovação, contando com a Comissão de Acompanhamento já existente como instância delegada para assegurar a continuidade entre reuniões ministeriais.

A EII também contará com um Comité Assessor, constituído por pessoas de reconhecido prestígio internacional no âmbito da inovação, com representação da grande diversidade de agentes que é necessário envolver para uma execução bem-sucedida da Estratégia Ibero-Americana de Inovação aqui proposta.

As funções de coordenação e secretariado técnico da EII serão realizadas pela SEGIB, através do Espaço Ibero-Americano do Conhecimento.

## A EII catalisadora de transformações para um desenvolvimento sustentável



A Estratégia Ibero-Americana de Inovação visa desencadear mudanças de grande envergadura que provoquem transformações profundas no atual paradigma de desenvolvimento e tornem a Ibero-América na líder mundial do desenvolvimento sustentável. Esta aspiração exigirá a eliminação de obstáculos e o desenvolvimento de capacidades sinérgicas.

O lançamento, desenvolvimento e execução da EII podem beneficiar de elementos circunstanciais que contribuam para evidenciar a necessidade premente de impulsionar mudanças, a partir das limitações e das dificuldades da atual situação. A ameaça direta e inquestionável da COVID-19 e o rigor das suas consequências socioeconómicas podem funcionar como catalisadores de ações de transformação, mobilizando os nossos recursos de forma pouco habitual para repensar e pôr em prática o que significam o desenvolvimento e a saúde humana no século XXI num planeta sobre-explorado e num mundo mais consciente do que nunca da sua fragilidade e interdependência.

Em conjunto com a articulação de uma visão de futuro e a comunicação e criação de compromissos em torno do processo da EII, este pode ser um bom ponto de partida para o processo de aprendizagem mútua e contínua conducente a uma inovação poderosa que situe a Ibero-América, no horizonte das próximas décadas, na vanguarda das transformações socioeconómicas necessárias para esquivar a trajetória do colapso no sentido de futuros sustentáveis e desejáveis para todas e todos.

Por outro lado, a EII é uma oportunidade para acrescentar valor a todos os países ibero-americanos, pois centra-se num contexto que leva em conta as realidades existentes e as suas assimetrias e persegue deliberadamente o máximo aproveitamento das capacidades e potencialidades da região. A própria definição das suas Metas (Fomentar, Focar, Envolver, Vertebrar, Aprender, Partilhar, Atrair e Transferir), destaca a perceção das nossas interdependências e das vantagens mútuas a que podem dar lugar, numa perspetiva de cooperação solidária e colaboração inteligente.

Neste mesmo espírito, as ferramentas com as quais a EII se dota, com Eixos de Ação (Articulação, colaboração e fomento da participação; Promoção do talento; Aprendizagem mútua; Sinergias; Mobilização de Recursos; e Coordenação e acompanhamento), Planos de Ação Quadrienais e Planos Operacionais Bienais, permitirão obter a máxima eficácia e eficiência na implementação da Estratégia de forma coordenada com outras atividades já existentes, sem incorrer na criação de novas e dispendiosas estruturas.

Dois elementos adicionais são relevantes. Por um lado, a EII promove um novo tipo de inovação, cuja necessidade é entendida mesmo pelos países mais avançados em termos de ciência, tecnologia e inovação. Trata-se de que a mobilização das nossas capacidades de investigação e aplicação de novos conhecimentos esteja orientada pelos desafios, necessidades e valores da sociedade, e não tanto pelas novas possibilidades da técnica em si mesma. Caso contrário, não conseguiremos que a inovação funcione para concretizar esse futuro desejável no qual o desenvolvimento humano e a biosfera são compatíveis. Isto implica a adoção de modelos de inovação responsável e aberta que por si só são inovadores e nos quais a Ibero-América se pode posicionar com ambição de liderança.

O segundo elemento é a ênfase na participação de todos os setores sociais e nos processos de aprendizagem mútua. Que a Ibero-América tenha sucesso na inovação para o desenvolvimento sustentável, mobilizando capacidades e recursos atualmente não coordenados, é um exercício de aprendizagem maiúsculo, que não se pode planificar a longo prazo de forma convencional e rígida. Exige uma combinação de rigor e flexibilidade nas ferramentas e processos. Esta característica será o resultado da aposta deliberada na aprendizagem mútua, através do Eixo de Ação correspondente e de ferramentas específicas, tais como o Sistema de Informação e Acompanhamento da Estratégia Ibero-Americana de Inovação (SIAEII).

Com tudo isto, a EII proporcionará um considerável valor acrescentado aos ecossistemas de inovação já existentes, com características muito diferentes nos vários países da Ibero-América, mas com a vontade comum de progredir no uso da inovação para o desenvolvimento sustentável, com a realização das metas previstas na Agenda 2030 como principal objetivo no horizonte temporal desta década. A EII assim definida, sendo ela própria inovadora no fundo e na forma, procurará contribuir com o seu caráter catalisador de profundas transformações, sem suplantiar soberanias nem processos existentes mas favorecendo e criando sinergias para a construção de futuros desejáveis.



Secretaría General | Secretaria-Geral  
Iberoamericana | Ibero-Americana